

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Graduação em Filosofia**

Roberth Santos de Carvalho

**A ESTÉTICA DE HERBERT MARCUSE: PROJEÇÕES METAFÓRICAS NOS
ESPELHOS DE MACHADO DE ASSIS E DE GUIMARÃES ROSA**

Artigo apresentado como Trabalho de
Conclusão de Curso de Licenciatura em
Filosofia da Faculdade de Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Amir Abdala

Campo Grande – MS
2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a mim, por ter chegado até aqui. Esta jornada acadêmica foi marcada por desafios e inseguranças; ainda assim, encontrei dentro de mim a força necessária para seguir, mesmo quando parecia difícil enxergar o fim do caminho. A cada etapa, aprendi que o esforço, a paciência e a determinação constroem não apenas o conhecimento, mas também o caráter. Concluir este trabalho é mais do que um marco acadêmico: é uma conquista pessoal, o resultado de uma trajetória de persistência, autoconfiança e superação.

Expresso também minha sincera gratidão ao meu orientador Amir Abdala, que aceitou embarcar comigo nesta jornada intelectual e esteve presente com sabedoria, paciência e uma irreverência inspiradora. Sua forma tranquila de orientar, aliada ao olhar atento e ao incentivo constante, foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho. A cada conversa e a cada orientação, aprendi não apenas sobre o tema pesquisado, mas também sobre o valor do diálogo, da escuta e da curiosidade científica. Agradeço profundamente pela confiança depositada, pelas palavras de incentivo e por ter transformado o processo de orientação em uma experiência leve, enriquecedora e humana.

Aos meus amigos, deixo um agradecimento repleto de carinho e admiração. Vocês foram pilares fundamentais ao longo desta trajetória acadêmica. Em meio às dificuldades, foram sempre os primeiros a ouvir meus desabafos, oferecer ajuda e, claro, a julgar com aquele humor característico que tornava tudo mais suportável. Foram companheiros de estudos, de conversas e de risadas que aliviaram o peso das horas de leitura e escrita. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada momento compartilhado me ajudaram a seguir em frente com mais confiança e alegria.

Aos meus pais, minha mais profunda gratidão. Foi o amor, a paciência e o apoio de vocês que me sustentaram nos momentos mais difíceis e me inspiraram a continuar. Tudo o que conquistei até aqui é também resultado do exemplo que vocês me deram: o valor do trabalho, da honestidade e da perseverança. Este trabalho, mais do que uma realização pessoal, é também uma homenagem à confiança e ao carinho que sempre me ofereceram sem medidas.

Por fim, agradeço à vida — com todas as suas voltas, surpresas e aprendizados. A vida, com sua beleza e complexidade, foi a grande mestra de todo esse percurso, ensinando-me a acolher os desafios, a celebrar as conquistas e a entender que cada etapa

tem seu valor. Agradeço por tudo o que vivi neste processo acadêmico, pelas pessoas que encontrei e pelos ensinamentos que me trouxeram até aqui.

A ESTÉTICA DE HERBERT MARCUSE: PROJEÇÕES METAFÓRICAS NOS ESPELHOS DE MACHADO DE ASSIS E DE GUIMARÃES ROSA *

Roberth Santos de Carvalho

RESUMO

Este trabalho nasceu de um interesse em compreender a arte como libertadora, e não apenas como forma de expressão sensível e criativa. Neste artigo examinamos, a partir da teoria estética de Herbert Marcuse, a perspectiva da arte como verdade superior à realidade efetiva, capaz de expressar dimensões subjetivas reprimidas pela sociedade. Em sentido específico, aplicamos essa concepção a um conto de Machado de Assis e a um conto de Guimarães Rosa, ambos denominados *O espelho*. Analisamos em que medida esses textos literários podem ser interpretados como expressões de subjetividades e revelação da condição humana alienada na vida em sociedade. Para isso, o desenvolvimento do artigo realiza-se em três etapas: a exposição da estética de Herbert Marcuse no contexto de sua crítica à civilização repressiva; a análise individual dos contos; e, por fim, a interpretação desses contos pela concepção estética marcusiana.

Palavras-chave: Estética. Alienação. Espelho. Herbert Marcuse. Machado de Assis. Guimarães Rosa. Subjetividade.

ABSTRACT

This paper arose from an interest in understanding art as liberating, and not merely as a form of sensitive and creative expression. In this article, we examine, from the perspective of Herbert Marcuse's aesthetic theory, the view of art as a truth superior to actual reality, capable of expressing subjective dimensions repressed by society. More specifically, we apply this conception to a short story by Machado de Assis and a short story by Guimarães Rosa, both titled *The Mirror*. We analyze to what extent these literary texts can be interpreted as expressions of subjectivities and revelations of the alienated human condition in social life. To this end, the article is developed in three stages: an exposition of Herbert Marcuse's aesthetics in the context of his critique of repressive civilization; an individual analysis of the short stories; and, finally, an interpretation of these stories through Marcuse's aesthetic conception.

Keywords: Aesthetics. Alienation. Mirror. Herbert Marcuse. Machado de Assis. Guimarães Rosa. Subjectivity.

* Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do diploma de licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Amir Abdala.

Introdução

Herbert Marcuse (1898-1979) foi um filósofo alemão ligado à Escola de Frankfurt e um dos principais representantes da Teoria Crítica no século XX, cuja obra se destaca pela crítica à racionalidade técnica e à sociedade industrial avançada. Inspirado em Sigmund Freud (1856-1939) e em Karl Marx (1818-1883), Marcuse argumenta, em seu livro *Eros e Civilização*, publicado em 1955, que o progresso econômico moderno, em vez de promover a emancipação humana, intensificou formas de dominação e de alienação, submetendo os indivíduos a uma realidade efetiva que ele denomina de princípio de desempenho. Na sua obra *A dimensão estética*, lançada em 1977, Marcuse afirma que a arte constitui uma forma superior de verdade, pois revela aspectos da experiência humana que a realidade social tende a reprimir. Para ele, a arte transfigura poeticamente a realidade, assumindo assim um papel emancipatório.

Na concepção estética de Herbert Marcuse, a arte possui um valor de verdade superior ao da realidade estabelecida, sendo capaz de revelar dimensões da experiência humana que permanecem reprimidas pelo contexto social. A criação artística ilumina aspectos da subjetividade que são continuamente submetidos à repressão pela racionalidade instrumental e pela alienação da sociedade contemporânea. Marcuse sustenta que a arte não apenas reflete o mundo, mas o reconfigura poeticamente, expressando possibilidades de existência mais autênticas e emancipatórias. Assim, a verdade estética não reside na reprodução do real, mas sim na potência de revelar, sob forma sensível, aquilo que é negado e ocultado pela racionalidade repressiva da realidade vigente.

Este trabalho examina um conto de Machado de Assis e um conto de Guimarães Rosa, intitulados *O espelho*, pela ótica da estética marcusiana e, partindo dessa perspectiva, busca compreender de que modo a arte, ao revelar dimensões reprimidas da subjetividade, pode expressar uma verdade superior à realidade social vigente. Pretende-se, portanto, evidenciar como *os espelhos* presentes nas narrativas proporcionam reflexões estéticas e filosóficas, especialmente com base nas ideias de Herbert Marcuse.

Machado de Assis (1839-1908) é um dos maiores nomes da literatura brasileira, reconhecido pelo realismo, pela ironia e pela profunda análise da psicologia humana. Nascido no Rio de Janeiro, negro e de origem humilde, superou grandes dificuldades para se tornar um intelectual respeitado e fundador da Academia Brasileira de Letras, da qual foi o primeiro presidente. No conto *O espelho*, de 1882, o autor explora a identidade e a

passagem do tempo, retratando a experiência de um homem que, ao se olhar no espelho, percebe as mudanças de si mesmo e reflete sobre a fragilidade da vaidade. Por meio dessa metáfora, Machado de Assis critica a vaidade, o apego às aparências e a dependência do olhar alheio para a construção do *eu*. O conto revela o tom reflexivo característico do autor, que transforma uma situação cotidiana em uma profunda análise da condição humana.

Guimarães Rosa (1908-1967) é conhecido por sua linguagem inovadora e pela representação do sertão brasileiro como espaço simbólico e existencial. Nascido em Cordisburgo, Minas Gerais, foi médico e diplomata, mas destacou-se sobretudo como romancista e contista. Sua obra une o regional e o universal, explorando a complexidade da alma humana e a riqueza cultural do interior do Brasil. Em seu conto *O espelho* (1962), Guimarães aborda a identidade e a percepção da realidade, utilizando uma narrativa poética e complexa que evidencia a subjetividade humana e seus dilemas. Ao observar-se no espelho, o protagonista inicia uma jornada de autoconhecimento que o leva a questionar quem realmente é, para além das máscaras impostas pela sociedade.

Nesses termos, o trabalho tem como objetivo analisar em que medida esses diferentes *espelhos*, respectivamente de Machado de Assis e de Guimarães Rosa, podem ser entendidos como expressões de subjetividade que revelam uma verdade distinta e oposta à realidade efetiva da vida em sociedade. Para tanto, partimos da ideia, apresentada pela estética de Marcuse, de que a arte possui um valor de verdade superior, que torna visíveis dimensões humanas reprimidas pela sociedade e pelo princípio de desempenho regulador da vida contemporânea. Busca-se, então, compreender como os referidos contos podem ser interpretados pela perspectiva estética marcusiana para a qual a arte aparece como resistência à realidade da humanidade alienada.

O artigo se organiza na articulação de três momentos expositivos. No primeiro tópico, apresenta-se a estética de Herbert Marcuse, destacando sua crítica à civilização contemporânea e a noção de arte como expressão de liberdade e de verdade superior ao princípio de realidade vigente. No segundo, desenvolve-se um detalhamento dos contos homônimos de Machado de Assis e de Guimarães Rosa, dando ênfase às maneiras pelas quais os autores representam as tensões entre subjetividade e identidade social. E, por fim, na terceira parte, propõe-se uma leitura filosófica dos contos à luz da dimensão estética marcusiana, discutindo como *os espelhos* em questão podem ser compreendidos como metáforas da alienação, mas também como indicações estéticas da possibilidade de emancipação do sujeito diante da realidade efetiva.

1 A estética de Herbert Marcuse: a realidade da arte contra a realidade vigente

1.1 A crítica à civilização contemporânea: princípio de realidade como princípio de desempenho

A estética de Herbert Marcuse deve ser compreendida em correspondência com sua crítica à civilização contemporânea, sobretudo em sua concepção da sociedade industrial regida pelo princípio de desempenho, conceito desenvolvido especialmente em seu livro *Eros e civilização*. Em suas reflexões sobre a realidade, esse filósofo combina elementos da psicanálise de Sigmund Freud com aspectos do materialismo dialético de Karl Marx.

Para Marcuse, as teorias elaboradas por Freud¹ e por Marx nos auxiliam a compreender o mundo contemporâneo. Se, por um lado, a psicanálise descreve sofrimentos psíquicos atravessados por desejos, conflitos internos e solidão, dizendo que os seres humanos em sociedade vivem entre o prazer e a repressão, por outro Marx descreve que estamos inseridos na sociedade pelos poderes econômicos, relações de trabalho e estruturas de poder constituídas por contradições sociais (Marcuse, 1975, p. 41-66).

De acordo com Freud, a sociedade é fundamentada na repressão aos instintos primários, explicados por ele como *Eros* e *Thanatos*, respectivamente princípio de vida e princípio de morte. *Eros* está ligado à busca do prazer, vinculando-se à conservação da vida e resultando em motor do desejo individual, podendo ser compreendido como energia que atravessa a experiência humana em direção à busca incessante pela vida prazerosa. *Thanatos*, por sua vez, é a pulsão que pretende retornar ao inorgânico, a inclinação à autodestruição que se exterioriza em violência e agressividade. Trata-se do desejo que remete ao período anterior à vida, sem traumas e sofrimentos.

A sociedade reprime o instinto de prazer ao impor limites à busca de satisfação imediata dos desejos, submetendo os seres humanos ao princípio de realidade que lhes exige renúncia, disciplina e trabalho. Segundo Freud, o trabalho, indispensável à sobrevivência coletiva, requer a contenção dos desejos, inibindo o instinto de prazer para que os seres humanos canalizem suas energias para atividades produtivas. A civilização reprime também o instinto de morte, neutralizando-o em concordância com a convivência

¹ *O mal-estar na civilização, Além do princípio do prazer e Psicologia de massas e análise do eu* são os principais textos de Freud utilizados por Marcuse. Neste trabalho, nossa investigação se restringe à apropriação marcusiana de conceitos freudianos.

humana pautada por regras de coesão de sociedade, na medida em que, sem a repressão a esse impulso de agressividade, a vida em sociedade seria inviável. Para Freud, a sociedade está sob um equilíbrio frágil entre o reprimir o *Eros* ao disciplinar o prazer em favor do trabalho e reprimir *Thanatos* contendo a agressividade em nome de ordem social, tornando, assim, a civilização efetiva pelo triunfo do princípio de realidade sobre o princípio de prazer.

Ainda que se baseie nessas teses de Freud, Herbert Marcuse faz algumas ressalvas antes de utilizá-las em sua teoria. A primeira diz respeito ao seu entendimento de que o trabalho não é uma atividade necessariamente dolorosa, havendo um equívoco de Freud ao diagnosticar o desprazer como característica indissociável do trabalho. Para esse filósofo, o trabalho tem seu nível de desprazer no enfrentamento das dificuldades da natureza, mas, com os avanços tecnológicos, o sofrimento poderia ser eliminado. A permanência do sofrimento, então, origina-se da alienação do trabalho, visto que os trabalhadores não se veem realizados tampouco reconhecidos no processo de produção, experimentando, isto sim, a negação de sua humanidade. Além disso, Marcuse observa criticamente que Freud não inclui a divisão das sociedades em classes na teoria de princípio de realidade repressivo, acrescentando, portanto, que a repressão se estabelece historicamente com interesses de dominação de um grupo social sobre o conjunto da sociedade – aspecto ignorado pelo fundador da psicanálise. Com essas ponderações, ele traz elementos centrais do marxismo para sua análise, notadamente os conceitos de contradições de interesses de classes, exploração do trabalho e trabalho alienado

Nessa perspectiva, Marcuse desenvolve o conceito de mais-repressão, aglutinando a concepção freudiana de repressão com a conceituação marxista de exploração dos trabalhadores pelos proprietários dos meios de produção. Mais-repressão ultrapassa a repressão necessária à transformação da natureza pelo trabalho, consumando-se, assim, na exploração exercida pela classe dominante sobre os trabalhadores. Na prática, os trabalhadores são obrigados a passar mais tempo em atividades produtivas e produzindo em grande escala do que se dedicando aos seus próprios interesses pessoais e humanos.

Com a mais-repressão no capitalismo, o princípio de realidade se transforma em princípio de desempenho. Os corpos e mentes dos indivíduos se tornam instrumentos do trabalho alienado, e suas funções estão sempre sob domínio das demandas de produção e dos padrões de consumo de mercadorias estabelecidos pela sociedade. Sob o princípio de desempenho no capitalismo avançado, submete-se a vida humana à lógica da

produtividade e do consumismo, e o controle sobre os trabalhadores estende-se do tempo de trabalho para o tempo supostamente livre.

Marcuse explica o princípio de desempenho com as palavras seguintes:

O controle básico de um tempo de ócio é realizado pela própria duração do tempo de trabalho, pela mesma rotina fatigante e mecânica do trabalho alienado, o que requer que o lazer seja um relaxamento passivo e uma recuperação de energias para o trabalho. Só quando se atingiu o mais recente estágio da civilização industrial, quando o crescimento da produtividade ameaça superar os limites da dominação repressiva, a técnica de manipulação das massas criou então uma indústria de entretenimentos, a qual controla diretamente o tempo de lazer. [...]. Não se pode deixar o indivíduo entregue a si próprio. (Marcuse, 1975, p. 60).

Contrariamente a Freud, para quem toda sociedade humana exige repressão, Marcuse aponta para a hipótese de uma sociedade não-repressiva no futuro (Marcuse, 1975, p.123-132). Ele argumenta que os meios tecnológicos modernos possibilitariam a emancipação dos seres humanos, diminuindo os esforços e a quantidade de trabalho. O trabalho deixaria de ser sacrificante, e haveria a redução radical do tempo de trabalho diário.

Marcuse acredita em uma hipotética sociedade não-repressiva partindo da observação de que os avanços das forças produtivas modernas emancipam os seres humanos em seu enfrentamento com a natureza e reduzem significativamente a quantidade de trabalho necessário à sobrevivência. Contudo, ele constata que, contrariamente a essa possibilidade, a alienação atingiu sua máxima intensidade na época contemporânea, e os avanços tecnológicos foram integrados ao sistema capitalista de dominação, servindo para intensificar a exploração e o aumento da produtividade voltada para o lucro e ao consumo. Então, esse processo tecnológico, longe de emancipar a humanidade, serviu como instrumento para reforçar o controle social, esgotando totalmente os indivíduos, integrando-os a uma lógica de necessidade artificiais e de manipulação.

Diante dessa situação, Marcuse examina os caminhos para a superação do princípio de desempenho por uma sociedade não-repressiva. Nessas reflexões, assume importância a arte. Em seu ensaio *A dimensão estética*, o filósofo argumenta que a arte torna possível uma forma de racionalidade reconciliada com o prazer e a liberdade,

possibilitando uma vida qualitativamente distinta, que compatibiliza plenamente princípio de prazer e princípio de realidade.

1.2 A dimensão estética na filosofia de Marcuse

Em *A dimensão estética*, Marcuse defende o potencial crítico e transformador da criação artística, argumentando que a arte nos aproxima de *Eros*, o princípio de prazer, e constitui uma espécie de contraponto ao princípio de realidade organizado na modalidade de princípio de desempenho.

Embora Marcuse se situe no campo teórico do marxismo, cabe ressaltar que ele rejeita a perspectiva estética adotada pelos marxistas ortodoxos (Marcuse, 1981, p. 15-18). O filósofo afirma que, de maneira geral, os marxistas ortodoxos consideram a arte predominante no capitalismo como expressão de valores burgueses, derivada diretamente das relações sociais de produção, quer dizer, explicam a produção artística mecanicamente nos termos das relações entre infraestrutura e superestrutura. Em sentido contrário à chamada arte burguesa, eles propõem a criação artística que contribua decididamente para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado e exprima o projeto de revolução.

Marcuse observa que essa postura do marxismo ortodoxo despreza a dimensão da subjetividade na arte, pois, para ela, expressões artísticas de interioridade do sujeito, que concedem espaço e importância aos sentimentos, às expectativas e às imaginações dos indivíduos, ficam presas aos padrões da sociedade burguesa. Ele, diferentemente, considera que as expressões de subjetividade na criação artística são importantes e decisivas, à medida que se contrapõem às relações mercadológicas, favorecendo o posicionamento crítico diante da realidade vigente e se opondo à consciência coisificada do capitalismo contemporâneo (Marcuse, 1981, p.18-30).

Essa subjetividade não é regida nos termos do princípio de desempenho, emergindo, isto sim, da possibilidade de consciência crítica que revela expectativas, anseios e pontos de vista reprimidos pela realidade do princípio de desempenho. A subjetividade que aparece na arte não é regida pelas relações de mercado da sociedade burguesa. Assim, Marcuse compreende a arte como uma esfera de possibilidades criativas e imaginativas que estão em confronto com o princípio de desempenho da realidade, identificando na criação artística, então, um potencial revolucionário.

Nesse sentido, o filósofo conclui:

Enquanto a arte preservar, com a promessa de felicidade, a memória dos objetivos inatingidos, pode entrar como uma ideia reguladora, na luta desesperada pela transformação do mundo. Contra todo o fetichismo das forças produtivas, contra a escravização contínua dos indivíduos pelas condições objetivas (que continuam a ser as do domínio), a arte representa o objetivo derradeiro de todas as revoluções: a liberdade e a felicidade do indivíduo. (1981, p.75).

A estética quebra a barreira com o princípio de desempenho imposto, para o qual o ser humano não pode se expressar de modo não subordinado e autônomo, uma vez que os indivíduos são alienados e submetidos à repressão institucionalizada. Nesse sentido, a arte não somente faz críticas e denúncias, mas também cria alternativas de vida com gestos políticos, apontando para mundos possíveis e experiências sensíveis. Consequentemente, essa dimensão estética apresentada por Marcuse é política não por realizar uma defesa aberta da revolução, mas por contestar a realidade efetiva ao exprimir a dimensão da subjetividade humana.

A estética marcusiana compreende a subjetividade da arte como potencialmente libertadora por remeter a realidades possíveis na vida humana, realidades que ultrapassam o limite das classes sociais e o princípio de realidade vigente. A arte, para Marcuse, é emancipatória, com capacidade de resgatar a sensibilidade e a racionalidade que são reprimidas pela dinâmica do capitalismo. De acordo com esse filósofo, a verdade da arte é superior ao princípio de realidade em vigor:

[...] O mundo de uma obra de arte é “irreal”, no sentido vulgar da palavra: é uma realidade fictícia, mas é “irreal” não porque seja inferior em relação a realidade existente, mas porque lhe é superior e qualitativamente diferente. [...] Só no “mundo ilusório” as coisas parecem o que são e o que podem ser. Em virtude desta verdade (que só a arte pode exprimir em representação sensual), o mundo é invertido – é a realidade concreta do mundo vulgar que agora aparece como realidade falsa, ilusória, enganadora. (1981, p. 62).

A emancipação da arte reside na capacidade de romper com a realidade estabelecida, promovendo outra forma de racionalidade e negando a resignação à realidade efetiva. Na criação artística surge, segundo Marcuse, uma espécie de contraconsciência, que declara sua própria verdade ao recusar a realidade vigente. Ela

tem, portanto, um papel essencial na constituição da consciência crítica e só se torna verdadeiramente autônoma quando se nega a ser determinada pela sociedade opressora.

Marcuse não afirma que a arte consegue mudar o mundo por si própria. Para ele, a ficção artística se apresenta como transcendência, ultrapassando as estruturas do cotidiano e tornando visível o que é reprimido pelo princípio de desempenho. Assim, a arte se mostra como uma verdade superior à realidade reificada, negando o domínio capitalista e gesticulando com autênticas possibilidades de humanidade e de vida em sociedade. Dessa forma, Marcuse considera a arte mais verdadeira que a realidade estabelecida, pois a criação estética, ao contrário da verdade organizada, naturalizada, reprimida e dominada pela alienação causada pelo princípio de desempenho, adquire o poder de romper com as aparências, revelando contradições sociais ocultas (Marcuse, 1981, p. 57-71).

Para Marcuse, a arte não pode ser entendida como revolucionária ao preconizar de forma explícita a revolução sociopolítica da classe trabalhadora, mas sim pela transcendência do plano objetivo da realidade factual. Além disso, o filósofo entende a arte como histórica na medida em que emerge de contextos sociais específicos das condições de sua época e também como trans-histórica por expressar questões, expectativas e anseios universais da humanidade, que ultrapassam períodos específicos da história e a divisão da sociedade em classes.

2 Os espelhos de Machado de Assis e de Guimarães Rosa: interpretações filosóficas

2.1 Os espelhos: enredos

O conto machadiano *O espelho* inicia-se com um grupo de amigos conversando sobre as questões da alma e do universo, enquanto o personagem principal, o casmurro² Jacobina, permanecia em silêncio e aparentemente desinteressado do assunto. Porém, estimulado a se posicionar sobre o tema, ele aceita falar desde que nenhum dos presentes o interrompesse.

Jacobina começa dizendo que possuímos não uma, mas duas almas, sendo elas a alma interna e a alma externa. Ele explica que a interna revelaria o que sentimos e o que pensamos de nós mesmos. A externa, por sua vez, mostra o que os outros pensam sobre nós, quer dizer, ela se vincula diretamente a nosso papel na sociedade. Ele acrescenta que

² Giselle Bueno, em seu artigo *À tona dos espelhos: um diálogo entre Guimarães Rosa e Machado de Assis*, observa que o termo *casmurro*, empregado em referência a Jacobina, carrega o mesmo significado que em *Dom Casmurro*, homem calado e metido consigo mesmo (Bueno, 2019, p. 3).

as duas complementam “o homem que é, metafisicamente falando, uma laranja.” (Machado de Assis, 1994, p. 2).

Ele utiliza, então, um relato pessoal para sustentar sua teoria dualista da alma humana. Expõe para todos os presentes a história de um Jacobina jovem, pobre, de vinte e poucos anos, recém-nomeado alferes da guarda nacional, o que agradava muito à sua mãe e à sua tia dona Marcolina, que o convida para ir ao seu sítio. Jacobina foi, mas foi como alferes: foi tratado pelos escravos e pela sua tia como alferes; foi servido à mesa como alferes; foi hospedado no quarto como alferes. Em seu quarto estava um espelho de sua tia Marcolina, que havia recebido de sua madrinha, sendo “que esta herdara de sua mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. Joao VI.” (Machado de Assis, 1994, p. 3).

Jacobina passou então a não ser mais Jacobina, e sim inteiramente alferes durante alguns dias. Era tratado como tal, e ele se via como tal no majestoso espelho em seu quarto, se tornando assim unicamente sua alma exterior, completamente absorvido por sua identidade social: “o alferes eliminou o homem.” (Machado de Assis, 1994, p. 3). Mas esse tratamento todo cessa por uma grave notícia. Uma das filhas de sua tia estaria muito doente, à beira da morte, e a tia teve de deixá-lo tomando conta do sítio enquanto estivesse fora. Ficaram apenas os escravos na sua companhia, mas não por muito tempo, pois, na noite posterior à partida de sua tia, os escravos fugiram do sítio, deixando-o sozinho.

Sozinho, Jacobina nem sequer conseguia se alimentar. Oprimido pelo silêncio, chegou a dar beliscões em si mesmo, mas nada o trazia de volta; as noites de sono eram seu refúgio:

O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acha que posso explicar assim esse fenômeno, - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente [...] e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaia-se com o sono a consciência do meu ser novo e único – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra [...]. (Machado de Assis, 1994, p. 5).

Foi então que teve a ideia de retornar ao espelho que ignorou por oito dias – talvez por um impulso inconsciente segundo ele – e, para seu espanto, o reflexo revelava uma sombra, um vazio, uma figura esfumada. Ele não via sua imagem refletida no espelho. Intrigado, resolveu se fardar. Então, como alferes em frente ao espelho, via seu reflexo nítido e perfeito. Neste ponto ele deixou sua alma exterior tomar conta de si, vivendo não

mais como Jacobina, mas sim como Alferes. Confessa que, dali em diante, foi outro, e que virou sua rotina trajar-se com a farda e se reconhecer ao espelho, vivenciando assim seis dias a mais de solidão. E, ao encerrar a exposição dessa passagem de sua vida, Jacobina deixa seu grupo de amigos em completo silêncio, sem que houvesse discussão ou perguntas sobre seu relato.

O espelho de Guimarães Rosa é publicado em seu livro *Primeiras estórias*. Nele, diferentemente do que se lê em Machado de Assis, o narrador não tenta inaugurar uma teoria humana com o dualismo das almas. Nesse conto, somos convidados a ouvir sua narrativa: “se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram alternadamente, séries de raciocínios e intuições.” (Guimarães Rosa, 2019, p.69).

O diálogo inicia-se com o locutor perguntando se o leitor conhece o que é espelho, dizendo ser provável que o que sabemos sobre espelho está ligado a leis da ótica e da física. Assim, ele adianta que o que está prestes a nos contar está no campo da metafísica. Durante o conto, ele tenta nos convencer que tudo o que ele está a dizer é real, científico, e que os espelhos de modo geral nos enganam, havendo espelhos bons e espelhos ruins, tal qual as fotos que não são fidedignas. Mesmo os nossos olhos não nos oferecem uma imagem definitiva, pois, sempre que olharmos para o mesmo ponto ou para uma mesma fotografia, são experiências diferentes.

O personagem tem uma experiência marcante ao se deparar, em um lavatório público, com dois espelhos em diferentes ângulos. Essa situação é o ponto de partida para sua investigação de si mesmo: nos reflexos ele sentiu náuseas, ódio, sustos diante de imagens desagradáveis que, por sinal, era ele mesmo refletido. Estranhou seu reflexo e lançou-se à busca por uma imagem que verdadeiramente o refletisse. Nessa busca por conhecer a si mesmo, ele procura eliminar excedentes que interferissem na expressão de sua face, procurou por seus traços originais, dos elementos de sua animalidade à sua humanidade, sem conseguir a definição de sua própria identidade. Nada o fez enxergar seu rosto no reflexo. Por fim, não via mais sequer vestígio de sua imagem no espelho. Diante disso, ele questionou: “seria eu um ... des-almado?” (Guimarães Rosa, 2019, p.74). Por meses, ficou sem contemplar espelhos.

Após um longo período de intenso sofrimento, voltou a ficar frente a frente com um espelho e, para seu agrado, começou a ver uma singela luz, um rosto ainda que não nítido, um *quase-rosto*, e com esta revelação o narrador se questiona sobre o que é a vida,

compreendendo que as máscaras e aparências vão se perdendo ao longo da vida adulta. Ele se questiona sobre a existência e sua duplicidade de imagem.

Comparando os dois contos, em seu artigo *Frente a “O espelho” de Machado e de Guimarães Rosa*, Edna Nascimento e Maria Célia Leonel afirmam:

Entre os dois contos, há semelhanças visíveis quanto à história e pela presença de protagonistas que são também narradores. Todavia, no que tange à concepção que os preside, há diferença fundamental: o narrador machadiano, dono de uma verdade que supõe ser científica, compraz-se em ilustrá-la com uma experiência pessoal. O de Guimarães Rosa, também a partir do relato de vivência própria, meticulosamente relatada, e em busca de explicações científicas e filosóficas, termina como começou: com dúvidas e perguntas. (2008, p. 284).

Em que pese essa importante diferença, destacam-se, em ambos os enredos, as imagens dos espelhos refletindo dilemas na constituição da subjetividade e da identidade dos personagens, suscitando questões de natureza filosófica sobre a individualidade, as possibilidades humanas e a realidade social.

2.2 O Espelho de Machado de Assis: subjetividade, realidade e dimensão filosófica

No *espelho* de Machado de Assis, a narrativa desenvolve-se pela perspectiva de que a identidade de uma pessoa não é algo fixo e autônomo, e sim passível de transformações e construída por meio de validações externas atribuídas pelo olhar do outro, pela sociedade. O personagem Jacobina inicia seu relato afirmando que existem esses dois *eus*, “nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, e outra que olha de fora para dentro...” (Machado de Assis, 1994, p. 2). Trata-se do *eu interior* e do *eu exterior*, sendo que este último, evidentemente, depende exclusivamente de como as pessoas nos reconhecem.

A supremacia da subjetividade moldada pela sociedade fica clara no desenvolvimento da trama. Jacobina é especialmente bem-visto e bem tratado por todos devido à sua condição de alferes: “e sempre Alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes para toda hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, brandando que não, que era o “senhor Alferes.” (Machado de Assis, 1994, p. 3). Quando, pelas circunstâncias, desaparece esse referencial externo na ausência das pessoas, ele enfrenta a angústia e o vazio, nem se reconhecendo mais como Jacobina, recusando sua própria imagem no reflexo do espelho, ou melhor, ele não encontra mais sua imagem refletida no espelho.

Alessandra Lima e Marcos Pagotto-Euzebio, em *O encontro consigo mesmo: uma possível leitura filosófica do tema em “O espelho” de Machado de Assis* (2016), examinam o conto pelo prisma do conhecimento de si, situando-o, por esse aspecto, em uma tradição literária e reflexiva que tem sua origem na antiguidade.

Nesse sentido, eles mencionam inicialmente a *Odisseia*, especificamente o jovem Telêmaco, que, ao ir em busca do seu pai, não apenas o encontra, mas descobre quem ele próprio já é. Superando sua inexperiência, ele se descobre confiante, forte, audacioso, reconhecendo seu valor e sua identidade. Na sequência, citam o *Édipo-Rei* de Sófocles, registrando que Édipo, ao investigar o assassinato de Laio, descobre que ele próprio foi o assassino de seu pai, quer dizer, ele encontra a si mesmo na procura pelo assassino. Por fim, ressaltam a passagem de Sócrates na *Apologia* de Platão, quando o oráculo de Delfos o intitula como mais sábio dos sábios, e ele, consciente de sua ignorância, lança-se à tarefa filosófica de conhecer a si mesmo³.

Quanto a Jacobina, ele não se propõe a investigar sobre quem de fato é. Ele assume o que o espelho revela, a saber, sua identidade como criação externa e social. Assim, o espelho surge para ele como metáfora do olhar do outro, com o qual se dá a expansão exterior da alma humana, evidenciando-se, então, que nossas identidades estão sempre atravessadas por papéis impostos pela sociedade.

Sobre Jacobina, Lima e Pagotto-Euzebio concluem:

Quem é Jacobina, afinal? Diferentemente de Sócrates e de Édipo, Jacobina não se propõe a investigar quem é. O conhecimento de si se lhe apresenta de súbito. Jacobina não é aí senão o que o espelho lhe revela, no caso, o alferes. Para além do alferes, para além do que os outros nele veem, não há nada. Jacobina vê no espelho o papel social desempenhado, nada mais, nada menos. De fato, o espelho não reflete a natureza essencial, imutável de Jacobina. Uma tal coisa não existe. Somos o que temos sido aos olhos dos outros, é o que sugere a teoria da alma de Jacobina. Aí, encontrar a si é afastar-se de si, ou melhor, da possibilidade de si mesmo. (2016, p.121-122).

A superficialidade da identidade reduzida à alma exterior pode ser entendida como crítica e, ao mesmo tempo, como uma problematização da talvez impossível tarefa da separação total de duas dimensões. Machado de Assis antecipa com essa abordagem

³ Essa interpretação de que Sócrates priorizava uma espécie de autoconhecimento individual não é predominantemente aceita pelos estudiosos. Prevalece o entendimento de que o “conhece-te a ti mesmo” propunha, na realidade, o conhecimento da natureza humana.

reflexões modernas sobre a constituição do sujeito na sociedade, entendendo a identidade como um efeito de relação social, e não como essência do indivíduo.

Nesse sentido, o espelho é um símbolo de duplicidade do ser humano e da dificuldade de encontrar o hipotético *eu autêntico*. Articulando a subjetividade e a realidade, Machado ainda nos mostra a fragilidade do sujeito dependente da alteridade, identidade sempre mediada pelo olhar do outro. Prevalece, assim, a alma externa sobre uma hipotética alma interna.

2.3 O Espelho de Guimarães Rosa: subjetividade, realidade e dimensão filosófica

Em *À tona dos espelhos: um diálogo entre Guimarães Rosa e Machado de Assis* (2019, p. 26), Giselle Bueno observa que, nos dois contos, os personagens são afetados ao lidarem com suas alteridades. Porém, diferentemente da situação do personagem de Machado de Assis, que se resolve com sua adesão à alma exterior de alferes, o personagem de Guimarães Rosa persiste na problematização de sua identidade, avançando por interrogações e sem encontrar uma resposta final.

Ednília Nascimento Cruz, em sua tese *Topografias rosianas: um estudo do espaço em corpo de baile, de João Guimarães Rosa*, afirma que toda a literatura de Guimarães Rosa é permeada pela categoria do *sertão*, um universo rosiano tipicamente humanista e poético, que se torna um lugar de interior, quer dizer, real dentro do sujeito (2017, p. 34). Por essa ótica, podemos dizer que o espelho reflete um interior do *sertão*, em que os afetos, sentimentos e crises se entrecruzam nos dilemas da vida. Ao se olhar no espelho, o personagem não garante para si uma identidade: ele se desloca sempre em travessia incerta, não sendo mediada diretamente pela alma e sim exclusivamente pelo seu rosto.

Desde aí, comecei a procurar-me – ao eu por detrás de mim – à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito. (Guimarães Rosa, 2019, p.71).

Revela-se assim que o sujeito não é uma essência pronta, mas uma experiência de linguagem e transformação contínua, perpassada pelas incertezas e possibilidades de novos modos de ser. No âmbito filosófico, *o espelho* de Guimarães Rosa exprime uma experiência perceptiva que desestabiliza o sujeito, que só percebe o mundo em relação ao outro, mesmo o outro sendo ele próprio (Guimarães Rosa, 2019, p. 69-75).

No artigo *Faces filosóficas de O espelho de J. G. Rosa* (2008, p. 349), Luis Rohden registra que o conto de Guimarães Rosa problematiza a temática da essência humana como realidade fixa, dialogando com a crítica da metafísica do sujeito, que seria, sobretudo, uma travessia, e não uma substância inalterável. Há, ainda, possibilidades de interpretação do texto que evocam uma dimensão existencial do sujeito. No *espelho* de Guimarães Rosa, expõe-se a condição humana como itinerário no qual o sujeito só se reconhece no movimento diante de si e do outro, sem encontrar uma verdade última e sempre aberto a novas formas de ser.

Desta forma, o conto de Guimarães Rosa favorece questionamentos e debates filosóficos sobre a identidade, sugerindo-nos que a identidade é constituída em complexas relações entre por percepções externas e subjetividade. O espelho usado pelo autor no conto se torna um personagem central nesse debate, ao envolver a precariedade das certezas do sujeito ligadas às construções sociais. Nesse sentido o conto não oferece respostas certeiras, mas nos alerta sobre a importância da discussão sobre a existência humana e seus enigmas.

3 A dimensão estética de Marcuse como via para a interpretação dos espelhos

3.1 O reflexo alienado em Machado de Assis

A interpretação dos *espelhos* pela estética de Herbert Marcuse tem de ser compreendida de modo preciso. É importante deixar claro que não se trata de insinuar uma influência direta da estética marcusiana nos referidos contos de Machado de Assis e de Guimarães Rosa – aliás, eles são anteriores à publicação de *A dimensão estética*. Esses contos também não são ficções que tem como cenário ou contexto a realidade do capitalismo. O que, na realidade, pesquisamos é como, a partir das reflexões do filósofo, esses textos literários expressam o conflito entre subjetividades e a realidade social estabelecida.

Tematizando a duplicidade de identidade humana, o personagem de Machado de Assis distingue alma exterior e alma interior. A alma exterior é moldada pelas ações sociais e pelo olhar do outro, e a alma interior é potencialmente mais autêntica, uma realidade íntima do sujeito. O predomínio dessa exterioridade pode ser associado à reflexão de Marcuse sobre a alienação do sujeito moderno, subordinado à repressão da civilização moderna em seu princípio de realidade como princípio de desempenho.

No entendimento marcusiano, a sociedade produz indivíduos conformados, com subjetividades reduzidas a cumprimentos de obrigações exigidas pelo capitalismo avançado. No *espelho* de Machado de Assis, o jovem protagonista encarna a dinâmica da primazia da realidade social sobre as possibilidades da alma interior: ao vestir a farda e começar se reconhecer no espelho só quando trajado inteiramente como alferes. O traje de alferes não apenas lhe dava uma visibilidade e reconhecimento social, tornando-se, além disso, a marca da sua própria identidade. O uniforme que é símbolo de prestígio transforma-se em sua real identidade, ocultando a imagem propriamente do homem ao espelho. É possível, neste ponto, uma analogia com a alienação na qual a autenticidade subjetiva se subordina às posições sociais do mundo exterior, aos valores dominantes na sociedade.

No isolamento na casa de sua tia, Jacobina experimenta um fenômeno perturbador diante do espelho, tendo sua imagem anulada no reflexo quando não trajado com a farda. Sua identidade foi absorvida pelas funções sociais a ponto de, sem elas, restar apenas o vazio. Machado de Assis descreve que, sem a alma interna, o sujeito esvazia-se e perde o vínculo autêntico consigo próprio. Do mesmo modo que o alferes se realiza na sua alma exterior ao vestir sua farda, o indivíduo moderno encontra sua identidade em funções sociais postas pelo princípio de desempenho, com sua subjetividade colonizada pela realidade externa.

Se para o protagonista de Machado de Assis a dependência exclusiva da alma externa gera angústia e vazio, para Marcuse a alienação da subjetividade produz um ser que não consegue transcender a vida social moderna, que reprime suas possibilidades de emancipação. Em ambos, a autenticidade é sacrificada em nome de papéis sociais e exigências externas. Machado de Assis sugere que, mesmo enfraquecida, persiste uma alma interior como vestígio. Essa alma interna, traduzida para a linguagem de Marcuse, representa o potencial criativo do indivíduo, capaz de romper com a ordem repressiva da realidade.

Em uma perspectiva marcusiana, então, esse conto de Machado de Assis pode ser lido como uma crítica à alienação e à reificação dos seres humanos. O que Machado nos revela é a verdade oculta da vida do personagem Jacobina, daquele que acreditava ser livre, mas que, na verdade, é totalmente dependente da definição que a sociedade lhe impõe.

O comprometimento da subjetividade, observado no conto, pode ser entendido como uma metáfora da consciência alienada, acorrentada pelas aparências e pela

identidade impostas pela sociedade. A alma exterior representaria a consciência socialmente constituída e moldada pelo princípio de desempenho, e a alma interna, por sua vez, representa a dimensão reprimida, o núcleo de possibilidades autênticas do sujeito, sufocadas pela vida social. O espelho torna-se instrumento simbólico da reificação: ao invés de refletir o homem, devolve no reflexo a exterioridade estabelecida pelo princípio de realidade.

A sociedade repressiva transforma a consciência em reflexo de suas próprias estruturas, tornando-a mera expressão da realidade social. Nesse sentido, o personagem Jacobina representa o ser humano que se perdeu da sua autêntica humanidade, vivendo de imagens e poder repressivo. Machado de Assis, ao nos revelar o personagem alienado diante do espelho, possibilita ao leitor a transfiguração poética concebida por Herbert Marcuse, a saber, a arte como contraconsciência à realidade da alienação.

Afinal, para Marcuse, a arte não copia o real, quer dizer, não reproduz o princípio de realidade, mas sim o contesta pela forma estética que resgata as possibilidades autênticas da subjetividade humana. No plano da imaginação e da criação artística, revela-se o que está reprimido na realidade efetiva do princípio de desempenho. A arte mostra as contradições da sociedade, fazendo isso na forma estética criativa e imaginativa, oferecendo ao sujeito a indicação de caminhos para a transformação social.

3.2 O reflexo alienado em Guimarães Rosa

O conto de Guimarães Rosa pode ser compreendido pela dimensão estética e emancipatória à medida que ultrapassa a superfície da simples aparência e do reflexo social da imagem para a profundidade de questões subjetivas sobre a identidade e a existência do personagem, que não se reconhece com facilidade e, ao mesmo tempo, não evita as perguntas difíceis sobre si mesmo e sua existência. De certa maneira, essa perspectiva se encontra com o ponto de vista marcusiano segundo o qual a arte apresenta uma verdade própria, distinta das verdades científicas, em uma forma estética que possui o poder de negar a realidade estabelecida, abrindo caminhos para que o indivíduo especule sobre outras possibilidades de existência, distintas da vida alienada.

Quando o personagem experimenta estranheza e incertezas diante de suas imagens refletidas, lançando-se, então, a indagações que buscam seu *eu*, temos o que, na linguagem de Marcuse, designaríamos como um distanciamento subjetivo em relação à identidade fixada pelo princípio de realidade da sociedade. Trata-se de um movimento de subjetivação em direção oposta à alienação e às submissões exigidas pela civilização, um

deslocamento interior que aponta para alternativas reais e subjetivas superiores, do ponto de vista de uma autêntica humanidade, à realidade social efetiva.

Tal qual no conto de Machado de Assis, o espelho rosiano não reflete a superficialidade imediata da aparência, suspendendo, isto sim, uma ordem estabelecida e criando experiências e questionamentos que desafiam a realidade. Nesse sentido, há um conflito entre uma possível verdade interior e a exterioridade de imagens delimitadas socialmente. No espelho de Guimarães Rosa, a narrativa propõe uma reflexão sobre os múltiplos níveis da realidade e da consciência, rompendo com o senso comum e a lógica racionalista. Este movimento é entendido por Marcuse como potência transgressora da arte, a capacidade de ir além da realidade efetiva, alcançando dimensões humanas reprimidas pela realidade coisificada. É a transgressão poética da realidade socioeconômica pela interioridade da consciência humana.

De acordo com a perspectiva filosófica marcusiana, a consciência humana é, em certa medida, historicamente moldada pelas formas de trabalho e repressão, mas também entendida como potência trans-histórica, capaz de projetar mundos mais autênticos – no limite, a realidade de uma humanidade emancipada. Nesse conto, o personagem, em seu mergulho pelo autoconhecimento, abandona o olhar utilitário e externo ao procurar camadas mais profundas de si mesmo. O espelho, portanto, não é apenas um objeto refletor, mas a transcendência para o interior do indivíduo e, em sentido universal, para uma humanidade possível.

O espelho de Guimarães Rosa é, assim, histórico porque parte do mundo concreto, seus dilemas e suas condições de existência que moldam a realidade do personagem por meio de códigos de comportamento e pensamento. E é também trans-histórico na revelação de dimensões universais da experiência humana, que, na melhor de suas possibilidades, implicariam a reconciliação entre humanidade e mundo. Projeta-se a consciência humana para além de suas limitações históricas, evidenciando pela experiência reflexiva interior o horizonte de liberdade para os seres humanos.

Nos dilemas do personagem, anuncia-se uma possibilidade, a passagem da consciência alienada para a consciência universal de uma humanidade capaz de realizar-se, de fato, no mundo. Transforma-se esteticamente a própria noção de verdade com a ruptura artística dos limites da realidade repressiva.

Considerações finais

Desenvolvemos este trabalho com o propósito de examinar os contos *O espelho* de Machado de Assis e de Guimarães Rosa sob a perspectiva filosófica de Herbert Marcuse, em especial com base em sua obra *A dimensão estética*, articulando a problemática da subjetividade e da verdade estética em contraposição à realidade social vigente. Para responder à questão abordada, exploramos o pensamento marcusiano desde sua crítica ao princípio de desempenho e à repressão da subjetividade até a defesa da arte como dimensão utópica e reveladora de possibilidade humanas. Expostas essas noções do filósofo, transitamos pelos referidos contos de Machado de Assis e de Guimarães Rosa, para depois os interpretarmos pela leitura estética marcusiana. Procuramos observar como ambos representam o sujeito diante de sua própria imagem e como os reflexos desses espelhos se transfiguram metaforicamente na alienação moderna e em buscas subjetivas pela liberdade.

Embora distintos em suas linguagens e temporalidades, ambos os contos podem ser criticamente compreendidos pela busca de identidade e pelo desvelamento da consciência humana diante de seus reflexos, constituindo, em suas formas poéticas, uma metáfora central que remete às relações e aos conflitos entre o suposto *eu autêntico* e o *eu social*. Nesses pequenos textos de autores clássicos da literatura brasileira, encontramos, então, consonâncias com aspectos da teoria filosófica de Herbert Marcuse, sobretudo pelo ponto de vista da arte como verdade superior à realidade vigente.

Os espelhos não refletem apenas aparências, mas também dilemas, incertezas e angústias, apontando para a subjetividade que resiste à simples aceitação de exigências sociais. No vocabulário marcusiano, a subjetividade despertada pelos espelhos anuncia a capacidade libertadora da arte diante da realidade factual em que a humanidade se encontra reificada.

Por essa ótica, concluímos que ambos os *espelhos* literários, quando interpretados à luz da estética de Marcuse, desvelam a potência libertadora da arte e a sua capacidade de revelar verdades ocultas sob a aparência da realidade estabelecida. Em Machado de Assis, o reflexo alienado de Jacobina denuncia a fragmentação do sujeito e a perda da autenticidade no domínio da identidade imposta socialmente. Em Guimarães Rosa, o espelho convida à problematização do *eu* pelas reflexões de teor subjetivo, com as quais podem ser vislumbradas potencialidades autenticamente humanas.

Desse modo, ambos os contos respondem positivamente à perspectiva identificada na arte por Marcuse: transcender o real efetivo e projetar, pela imaginação estética, a

promessa de liberdade em uma humanidade que ultrapasse sua alienação no mundo. Logo, a leitura marcusiana permite afirmar que os espelhos não refletem apenas a imagem dos personagens, mas a própria condição histórica e existencial dos seres humanos, revelando pela via estética o potencial humano de emancipação.

Referências Bibliográficas

BUENO, Giselle Madureira. À tona dos espelhos: um diálogo entre Guimarães Rosa e Machado de Assis. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 39, n. 2, p. 997–1026, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8653585>. Acesso em: 10 ago. 2025.

CRUZ, Ednília Nascimento. **Topografias rosianas**: um estudo do espaço em corpo de baile, de João Guimarães Rosa. 2017. 267 f. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/79b7a5f3-7f28-416c-9ba1-111cfb4f6d5e>. Acesso em: 10 ago. 2025.

GUIMARÃES ROSA, João. O Espelho. In: **Primeiras estórias**. São Paulo: Global, 2019.

LIMA, Alessandra Carbonero; PAGOTTO-EUZEPIO, Marcos Sidnei. O encontro consigo mesmo: uma possível leitura filosófica do tema em “o espelho” de Machado de Assis. **Machado de Assis em linha**. São Paulo, v. 9, n. 18, p.116-128, agosto 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/LYjdZKXqPZMgvQdZz7YJpSN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jul. 2025.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O Espelho. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NASCIMENTO, Edna. LEONEL, Maria Célia. Frente a “o espelho” de Machado e de Guimaraes Rosa. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 24, 2008. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/44/40>. Acesso em: 10 set. 2025.

ROHDEN, Luis R. Faces filosóficas de "O espelho" de J. G. Rosa. **Revista Da Anpoll**, v. 1, n. 24, 2008. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/47>. Acesso em: 10 set. 2025.